

POÉTICAS DE UMA AUTORA PATAXÓ

Ariane Jesus dos Santos

Dia de Festa

Aqui na minha aldeia tudo era diversão
Na festividade dos Jogos com muitas equipes de montão
Eram meninos, meninas, mulheres, homens e anciões.
Não tinha divisão, nem tão pouco competição.
Era uma troca de saberes e alegria no coração.
Onde canta um povo, também canta uma nação,
Com pinturas naturais de jenipapo e carvão
Com detalhe vermelho de urucum feito a mão
Então veio a pandemia e nos deu um empurrão
Não podemos abraçar nem tão pouco dar as mãos
Mas podemos cantar e estar em oração
Pedindo a Niamisũ misericórdia e proteção
Que Ele cure nosso planeta e restaure nosso chão
Eu peço com carinho tenham cuidado meus irmãos
Evitem multidões, usem máscaras e reguem as mãos
com álcool 70% ou água e sabão,
mas não corram o risco de partir assim então
Uma hora isso acaba e celebraremos com um festão
Cada um com seu tupsay pinturas e maracá na mão
Faremos uma grande roda celebraremos a vida e união.

Corrida de Maracá

É tão empolgante ver o povo correndo para lá e para cá.
Outros gritando sem parar,
cuidado com o Maracá na hora de passar.
Organizam duas filas para brincadeira começar.
O número de pessoas varia com quem quer participar.
Quatro, cinco, seis pessoas, mas o número pode aumentar.
Não vale ficar de fora o importante é celebrar.
A disputa começa, não pode parar.
Cada equipe tem um representante que sai a disparar.
Carregando nas mãos O Sagrado Maracá.
Vence a equipe que primeiro chegar.
Os gritos de alegria o povo a vibrar,
só não pode esquecer e soltar o Maracá.

Mulher pataxó

Mesmo se eu quisesse não conseguiria explicar.
 Quão grande é a sua força e a garra para conquistar.
 Na luta você está à frente com sua criança a segurar.
 O cansaço pode ser grande, mas você não pode parar.
 Pois outros dependem de ti sem querer é exemplo a dar.
 Na luta pela terra você se põe a cantar
 O canto transita em vários espaços onde a fala não pode chegar...

PL 490 Não!

Meu coração aflito, não dá para explicar;
 Com esse PL 490 que vem para exterminar;
 O meu povo luta, sei que sempre vai lutar;
 Ainda que haja um só índio, ele também pode tentar;
 Essa luta não é de hoje, ela já tem muito chão;
 Um chão repleto de marcas e de grande vazio no coração;
 Então, senhores governantes, tenham muita atenção;
 Estão em jogo muitas vidas e não só um pedaço de chão;
 Hoje, os senhores estão ai, tem o poder da decisão;
 Mas um dia isso acaba e ao chão retornaram;
 Respeitem nossa história, nossa luta e nossa união.

Memórias

Carrego em mim memórias que não posso esconder a riqueza em detalhes e da alegria de viver, aquela criança magrela que corria de encontro ao mar, sempre soube que em algum momento as coisas iriam mudar, o sorriso nem sempre fica, às vezes uma tristeza pode chegar, ela tenta fazer morada, mas a alegria vem aos poucos em sua memória pra te lembrar que assim como a alegria passa a dor também pode acabar, às vezes deixa marcas, mas podemos superar.

Os dias que vivi na UFMG foram bons, às vezes tristes, às vezes alegres, mas em cada detalhe eu conseguia aprender algo novo e assim acumular mais conhecimentos para quando voltasse para a aldeia. Hoje na aldeia eu tento fazer as coisas da melhor forma possível, as metodologias em sala de aula eu tento sempre aprimorar para fazer com que os meus alunos sintam gosto e prazer em aprender, eu gosto de ler, contar histórias e brincar com eles.

Daí então, vem minha vontade de escrever, gosto de escrever, gosto de escrever quando estou feliz, gosto de escrever quando estou triste, gosto de escrever quando estou com muitos problemas e preciso pensar bastante, eu gosto de escrever, e por isso estou me envolvendo e me empenhando nesses meios de grandes pensadores

e escritores, não sei se o que escrevo é tão bom quanto eu acho que deva ser, espero ter a chance de poder me expressar, contando não só minha história, mas os caminhos por onde tive que passar.

Sou do povo pataxó, povo de quem muito já se ouviu falar, um povo que sempre lutou e continua a lutar não somente para se fazer presente e poder se afirmar.

Muitos tentam contar nossa história, mas não é um de nós para se explicar. Pecam em alguns detalhes, o que poderia ressaltar, o nosso povo é um povo que luta para existir desde muitos anos atrás. Perdemos grande parte do nosso território e hoje não temos um segundo de paz, porém os que ainda restam ainda se põem a lutar e mostrar a todo o momento que estamos aqui e podemos falar sobre nós.

Eu sei que muitos não querem ouvir nem tampouco observar, mas ser um indígena pataxó é nunca parar de tentar. Hoje temos a chance de nossa história narrar, falar dos nossos ancestrais que se foram, nessa luta que parece não acabar, não é luta só por existência ou território. É luta por dignidade, igualdade e mostrar que estamos aqui e que precisamos ser respeitados e valorizados.

Já sofremos tanto! Fomos quase todos dizimados no que ficou conhecido como “fogo de 51”. Muitos ali se perderam. Pais se afastaram dos filhos não porque queriam, mas por conta do corre-corre pra salvar suas vidas, entretanto foi o medo da morte que estava a nos envolver. Então precisamos ter mais cuidado com a dor e luta dos nossos irmãos.

Não adianta um não indígena vir tentar falar da dor que somente nós sofremos. Nós sim, podemos após a superação, um dia, pegar caneta e passar para o papel. É isto que estamos fazendo. Não estamos copiando a história. Começamos com rabiscos a escrever a história que os mais velhos contavam e só eles poderiam nos contar. Graças às suas sabedorias, os detalhes do que fomos não se perderam. Hoje uso papel e caneta para falar dos meus, às vezes com coração em prantos quando lembro das tribulações. Às vezes regozijo de alegria quando ouço o canto em uma multidão e de ver ali os nossos velhos e jovens dividindo a mesma união, trocando os seus conhecimentos, todos juntos e de mãos dadas.



Ariane Jesus dos Santos tem seu nome indígena Tamihuá Pataxó. Mora na aldeia pataxó em Coroa Vermelha no município de Santa Cruz Cabrália - BA.

Como indígena Pataxó, nasceu e se criou na aldeia, estudou sempre em escolas públicas, no início em escola indígena, no Ensino Médio teve que estudar em escola estadual não indígena porque era a única que tinha aqui na aldeia o que hoje é diferente, pois já existe uma escola estadual com Ensino Médio e indígena.

Atualmente está professora nas aldeias Coroa Vermelha e Reserva da Jaqueira, estudou na UFMG e fez o curso de licenciatura intercultural para educadores indígenas na área de línguas, arte e literatura. Esse curso serviu para aprimorar os seus conhecimentos e interagir com outras pessoas e as várias formas de pensamento, as culturas e formas de vida, principalmente no meio acadêmico.